

## ***NON DVRCO, DVCO: MetrÓpole, o discurso da civilização e o “paulistanismo” na poesia de Guilherme de Almeida***

*Gabriela Lopes de Azevedo*<sup>20</sup>

**Resumo:** Em 1917, junto do artista plástico José Watsh Rodrigues, Guilherme de Almeida venceu o concurso para o brasão da cidade de São Paulo e cunhou o lema “*NON DVRCO, DVCO*” - “Não sou conduzido, conduzo” - que até hoje estampa os empreendimentos municipais e figura, explícita ou implicitamente, nos discursos políticos do estado de São Paulo. Tal imagem de condução e de linha de frente protagonizada pelos paulistas ressoa na alcunha, difundida na mesma década, de São Paulo como a locomotiva ansiosa rumo ao progresso que carregava vinte vagões velhos e atrasados (SALIBA, Elias Thomé apud Mota, André., 2005). Essa faceta histórica e política, além de fazer parte da biografia do poeta-soldado que se voluntariou para lutar pelos paulistas na cidade de Cunha em 1932, compõe o conteúdo estético de parte da produção poética de Guilherme de Almeida e também de outros poetas paulistas do período.

Palavras-chave: Guilherme de Almeida, paulistanismo, poesia, metrÓpole

A representação poética da experiência metropolitana, já que a cidade é o maior artefato do mundo industrial (Hobsbawn, Eric., 2012), é um terreno fértil para discussão das contradições engendradas pelo acolhimento ou pela negação dos discursos da civilização e do progresso, pelos impasses entre as sobreposições das construções materiais e imateriais do passado e do futuro. E é nesta sobreposição que em meio aos novos arranha-céus e bondes paulistanos, a poesia de Guilherme de Almeida parece necessitar de atenção e de estudo, porque esse imbricamento entre poesia, história e política nos revela uma cidade assombrada pelo fantasma dos bandeirantes e de peito estufado em se dizer paulista e em defender que “só se é brasileiro sendo paulista, como só se é universal sendo de seu país” (MILLIET, Sérgio., 2014).

**Palavras-chave:** cidade; São Paulo; Guilherme de Almeida; modernismo.

---

<sup>20</sup> Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Literatura Brasileira pela FFLCH – USP.  
E-mail: gabriela.azevedo@usp.br

Poeta-soldado, poeta da Revolução de 32, Príncipe dos Poetas Brasileiros. Com exceção do último epíteto que se refere ao título atribuído a Guilherme de Almeida em 1959 em um concurso feito pelo *Correio da Manhã*, os demais epítetos ligam a imagem do escritor diretamente ao evento conhecido como Revolução Constitucionalista de 1932. Descontentes com a mudança na dinâmica do poder entre as oligarquias regionais que a Revolução de 1930 provocou e com a centralização do poder político nacional na figura de Getúlio Vargas, os paulistas organizaram uma revolta armada que durou de 9 de julho a 28 de setembro de 1932. Ainda que breve e fracassado, o evento virou um marco na história paulista e integrou um discurso sobre a singularidade e o protagonismo do povo de São Paulo. Guilherme de Almeida, que em 1917 já tinha provado sua “paulistanidade” cunhando o lema da cidade de São Paulo - “Não sou conduzido, conduzo” -, voluntariou-se para integrar o exército paulista, lutando como soldado na cidade de Cunha, e depois, tornou-se diretor do *Jornal das Trincheiras*. O entusiasmo regional lhe rendeu uma breve prisão e um exílio de quase um ano em Portugal. Logo, os demais epítetos parecem justos. O poeta ainda escreveu o “Hino dos Bandeirantes”, que se tornou o hino do estado de São Paulo, “O passo do soldado”, hino do 1º Batalhão da “Liga de Defesa Paulista”, presidiu, depois de Francisco Matarazzo Sobrinho, a Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo e esteve à frente de diversos projetos de valorização da história e dos valores paulistas, como a restauração da “Casa Velha do Butantã” para “Casa do Bandeirante”, inaugurada em 1955.

Se, por um lado, tais ações podem ser mais atribuídas a figura do homem Guilherme de Almeida, para o lado do poeta pode-se recuperar especialmente um livro chamado *1932*<sup>21</sup>, lançado na ocasião do aniversário de 390 anos da cidade de São Paulo em 1944. O título, obviamente, já adianta, pelo menos em partes, o assunto principal. É o que se vê no poema de abertura, pois este é justamente “O passo do soldado” que recebeu uma música composta por Marcelo Tupinambá. Assim, de chofre, apresenta-se a figura do soldado voluntário que parte para as trincheiras, malgrado o medo e aqueles que deixa para trás, reconhece que faz parte da “terra” e de sua “glória”. Em toda obra, o soldado voluntário aparece de alguma maneira, mesmo quando os elementos contextuais do poema apontam para outros períodos históricos ou eventos que não são 1932 e a Revolução Constitucionalista. Por exemplo, quando a figura do Padre Anchieta é central, o poema “Prece a Anchieta” se encerra pedindo ao jesuíta que ore e proteja os soldados paulistas. Junto da construção dessa imagem do

---

<sup>21</sup> Almeida, Guilherme de. *Toda a Poesia* - volume VI. São Paulo: Martins Editora, 1952.

soldado jovem e voluntário, aparece uma série de imagens femininas que se sobrepõe e se confundem ao longo dos onze poemas: a bandeira paulista, a cidade de São Paulo, as mulheres, esposas, filhas, irmãs, mães que deixam os homens, esposos, pais, irmãos, filhos partirem à luta. Assim, como as figuras históricas toda vez que mobilizadas acabam por atar as pontas do passado sempre com o evento de 1932, as referências femininas figuram embaralhadas, mas imediatamente implicadas com o soldado voluntário e com a “Revolução” em questão. Em “O poema das mãos”, o quinto do livro, as mãos são as das mulheres que acenam aos queridos homens que se vão. No texto subsequente, “Terra”, uma índia se encontra com figuras da colonização paulista, como Martim Afonso de Sousa, João Ramalho, Padre Anchieta, depois com bandeirantes, Borba Gato, Fernão Dias, Anhanguera, para ao fim do poema, beijar a boca do amante, “do voluntário de Julho”<sup>22</sup>.

Dentre tais figuras femininas, vale ressaltar a cidade de São Paulo. Esta, além de figurar junto da bandeira e das mulheres que perdem os homens, ela recebe um endereçamento específico do eu-lírico. Nos poemas “Piratininga” e “Epístola à aniversariante”, o eu-lírico dirige-se à cidade tratando-a como “menina e moça” e “mameluca”. Novamente, intriga essa dimensão histórica que o poeta constantemente mobiliza: o “mameluco”, miscigenação do índio com o branco, seria a forma de designação dada aos bandeirantes e que, inicialmente, eram considerados híbridos, impuros, pobres, rústicos. Foram Pedro Taques e Frei Gaspar da Madre de Deus, como apontara Antonio Candido<sup>23</sup> e Antonio Celso Ferreira<sup>24</sup>, os primeiros que intentaram reverter o sinal negativo atribuído aos mamelucos bandeirantes e esboçaram uma narrativa épica sobre a história paulista<sup>25</sup>. É, contudo, no final do século XIX e com os modernistas no século XX, compreendendo Guilherme e seus companheiros da Semana de 22, que haverá um real empenho na inversão dessa tese<sup>26</sup>. Alcântara Machado, por exemplo, dedicou todo um estudo ao assunto, intitulado *Vida e morte do bandeirante*<sup>27</sup>. No prefácio da obra, escrito por Sérgio Milliet, o crítico contrapõe Oliveira Viana e Alcântara Machado: enquanto o primeiro

---

<sup>22</sup> Id, *Ibid.*, p. 67.

<sup>23</sup> Candido, Antonio. “A literatura na evolução de uma comunidade”. In: *Literatura e Sociedade: Estudos de teoria e história literária*. 12. Ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2011.

<sup>24</sup> Ferreira, Antonio Celso. *A epopeia bandeirante: letrados, instituições, invenção histórica (1870 – 1940)*. São Paulo: Unesp, 2002. Disponível em livro eletrônico.

<sup>25</sup> A elaboração histórica por meio da invenção de um modelo épico para São Paulo, compreendendo o bandeirante enquanto figura central, é a tese de Antonio Celso Ferreira detalhada na obra anteriormente citada.

<sup>26</sup> Queiroz, Suely Robles Reis de. “Prefácio”. In: Ferreira, Antonio Celso. *A epopeia bandeirante*, op. cit., []. Disponível em livro eletrônico.

<sup>27</sup> Machado, Alcântara. *Vida e morte do bandeirante*. São Paulo: Martins Editora, 1965.

empobreceria a potência da história bandeirante tentando atribuir-lhe luxo e requinte inexistentes, Alcântara Machado teria focalizado a vida cotidiana, mostrando o bandeirante na sua verdade enquanto bruto, pobre, explorado pelos judeus, mas aventureiro, forte, conquistador, empreendedor. Logo, aparentemente, além de haver um esforço geral da intelectualidade na validação, por diferentes vias, da figura do “mameluco”, as qualidades que lhe foram calcadas indicariam uma “essência paulista”; e esta, por sua vez, forneceria uma explicação do presente e do futuro auspicioso que São Paulo prometia. E esse presente e futuro promissores se justificavam nas questões econômicas, sobretudo no comércio do café, e na imagem de grande metrópole que São Paulo assemelhava e espelhava das capitais do hemisfério norte. Assim, na pena de Guilherme, a cidade se torna também “mameluca” e sintetiza os valores bandeirantes, como uma espécie de continuidade histórica. Essas relações podem ser exploradas, sinteticamente, no poema “Nossa bandeira” do livro *1932*<sup>28</sup>:

Bandeira da minha terra,  
bandeira de treze listas:  
são treze lanças de guerra  
cercando o chão dos Paulistas!

Prece alternada, responso  
entre a cor branca e a cor preta  
velas de Martim Afonso,  
sotaina do padre Anchieta!

Bandeira de Bandeirantes,  
branca e rota de tal sorte,  
que entre os rasgões tremulantes  
mostrou as sombras da morte.

Riscos negros sobre a prata:  
são como o rastro sombrio  
que na água deixava a chata  
das Monções, subindo o rio.

Página branca pautada  
por Deus numa hora suprema,  
para que, um dia, uma espada  
sobre ela escrevesse um poema:

O poema do nosso orgulho  
(eu vibro quando me lembro!)  
que vai de nove de Julho  
a vinte e oito de Setembro!

Mapa de pátria guerreira  
traçado pela Vitória:  
cada lista é uma trincheira;  
cada trincheira, uma glória!

---

<sup>28</sup> Almeida, Guilherme de. *Toda a Poesia* - volume VI, op. cit., p. 57 – 59.

Tiras retas, firmes: quando  
o inimigo surge à frente,  
são barras de aço guardado  
nossa terra e nossa gente.

São os dois rápidos brilhos  
do trem de ferro que passa:  
faixa negra dos seus trilhos,  
faixa branca da fumaça.

Fuligem das oficinas;  
cal que as cidades empoa;  
fumo negro das usinas  
estirado na garoa!

Linhas que avançam: há nelas,  
correndo num mesmo fito,  
o impulso das paralelas  
que procuram o infinito.

É desfile de operários;  
é cafezal alinhado;  
são filas de voluntários;  
são sulcos do nosso arado!

Bandeira que é o nosso espelho!  
Bandeira que é a nossa pista!  
Que traz, no topo vermelho  
o coração do Paulista!<sup>29</sup>

A primeira estrofe apresenta a imagem central do poema, que serve como um espelho para as demais descrições apresentadas, que é a bandeira paulista. A geometria das listras paralelas e as cores preto, branco e vermelho são a maneira de apresentação das demais características abordadas nas estrofes seguintes. Na segunda estrofe, por exemplo, elas remetem às figuras coloniais fundadoras da cidade de São Paulo. Já a terceira e quarta estrofe ecoam o próprio título quando recuperam a empreitada bandeirante e as Monções, pelo caminho das listras aludindo à entrada no sertão. A quinta estrofe, por sua vez, faz uma transição remetendo possivelmente à “espada”, que consta no brasão do estado de São Paulo<sup>30</sup>, e é ela que escreve um poema sobre a luta e orgulho que envolvem a Revolução de

---

<sup>29</sup> O poema foi reproduzido com a alternância entre maiúsculas e minúsculas como apresentado na edição de *Toda a poesia* de 1952. Contudo, a ortografia foi atualizada, julgando que facilitaria a leitura e não comprometeria a interpretação do poema.

<sup>30</sup> O brasão foi criado por José Wash Rodrigues, o mesmo artista que criou o brasão da cidade em colaboração com Guilherme de Almeida. Este brasão foi feito em meio da Revolução Constitucionalista de 1932, proibido em 1937 no Estado Novo de Vargas e substituído por símbolos nacionais, retomado e oficializado em 1946. O lema, em latim, “Pro Brasíliā Fiant Eximíā” significa “Pelo Brasil, façam-se grandes coisas”. Curiosamente, o mesmo artista ainda elaborou as ilustrações para o livro *Vida e morte do Bandeirante* de Alcântara Machado, anteriormente citado.

1932, diretamente referenciado pelas datas na sexta estrofe. E a sétima e oitava subsequentes desenvolvem a questão da luta, das trincheiras e da missão de proteção da terra paulista que ficara nas mãos e na coragem do soldado voluntário, que mesmo que não apareça diretamente evocado, está aludido por essas imagens que se repetem ao longo do livro.

Assim, as primeiras oito estrofes são um bom exemplo da tônica da obra no seu tratamento histórico. Primeiramente, confunde-se a história da cidade de São Paulo, que é mais contundente na figura de José de Anchieta e, posteriormente na décima estrofe, na referência à garoa, e do estado, na possível alusão ao brasão e a própria bandeira que intitula o poema. Ademais, há essa espécie de recuperação e reelaboração histórica sempre preocupada em elevar as figuras coloniais, os bandeirantes e que os valores desses expliquem, justifiquem e enalteçam também a ousadia paulista de 1932. Em 1944, ano de publicação dessa obra de Guilherme de Almeida, os símbolos dos estados ainda eram proibidos e a bandeira paulista, aqui idolatrada, havia sido queimada por Vargas em prol dos símbolos e da bandeira nacional. Logo, talvez tamanha preocupação com a imagem paulista, que não parece ser uma característica exclusiva de Guilherme de Almeida, embora ele seja um bom expoente e exemplo, passe por aquilo que Antonio Candido chamou de “tendência genealógica”, cujo auge teria sido o romantismo. Trata-se de justificar o presente através de uma interpretação ideologicamente dirigida do passado, corroborando para a formação da consciência das classes dominantes locais<sup>31</sup>.

E a ponte com presente paulista ocorre justamente nas estrofes seguintes, quando as características da bandeira são usadas para descrever as cidades, com trens, oficinas e operários, grandes símbolos da modernidade e da civilização, e por isso mesmo, reenviam com mais força à imagem da capital paulista. Em um livro anterior intitulado *Na cidade da névoa* do início de sua produção poética, Guilherme de Almeida usava inúmeras vezes a imagem as árvores alinhadas e paralelas, numa espécie de organização lógica e racional, para retratar a melancólica cidade que adoecia e morria conforme era tomada pelos trens, pelos relógios e pela modernização. Em *1932*, as listras da bandeira desenhavam essa geometria racional, mas numa perspectiva mais positiva e de grandeza que se estende infinitamente. Porém, configuram simultaneamente, o alinhamento dos operários, construindo uma imagem de organização racional da modernidade, e o alinhamento dos soldados de 1932 prontos para defesa da terra, e por fim, os cafezais, razão maior da riqueza paulista.

---

<sup>31</sup> Candido, Antonio. “Literatura de dois gumes”. In: *A Educação pela noite*. 6. Ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2011, p. 208.

Curiosamente, ao mesmo tempo em que o eu-lírico exalta o modo de produção industrial pela figura das oficinas, dos operários e do trem de ferro, os cafezais são igualmente exaltados, mesmo que, na realidade, conflitassem por remeterem justamente ainda a um modo de produção agrário e não industrial.

Tal contradição, além de fazer parte do processo de modernização brasileira e da formação das metrópoles latino-americanas como São Paulo, aponta para a dificuldade, quiçá impossibilidade, de construir um discurso plenamente coerente que não se valha de uma defesa questionável do progresso, uma visão turva do presente e outra ainda mais não factual e maquiada do passado. Entretanto, se a contradição não nos oferece pistas sobre uma verdade histórica, ela parece apontar para um curioso esforço contínuo da intelectualidade paulista na validação de uma narrativa histórica e para a representação da grande cidade suscitando um conflito entre a adesão e a crítica à maneira como o progresso se formatava ao solo brasileiro.

### **Referências bibliográficas**

- ALMEIDA, Guilherme de. *Toda a Poesia* - volume VI. São Paulo: Martins Editora, 1952.
- CANDIDO, Antonio. *A educação pela noite*. 6. Ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2011.
- \_\_\_\_\_. *Literatura e Sociedade: Estudos de teoria e história literária*. 12. Ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2011.
- FERREIRA, Antonio Celso. *A epopeia bandeirante: letrados, instituições, invenção histórica (1870 – 1940)*. São Paulo: Unesp, 2002. Disponível em livro eletrônico.
- HOBBSAWN, Eric. *A Era do Capital (1848 – 1875)*. Tradução de Luciano Costa Neto. 21. Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2012, []. Disponível em livro eletrônico.
- MACHADO, Alcântara. *Vida e morte do bandeirante*. São Paulo: Martins Editora, 1965.
- MILLIET, Sérgio. "Terra Roxa e outras terras". In: Puntoni, Pedro.; Titan Jr, Samuel (orgs.). *Revista do modernismo 1922 – 1929*. São Paulo: Imprensa Oficial, 2014.
- MOTA, André. *Tropeços da medicina bandeirante: medicina paulista entre 1892 – 1920*. São Paulo: Edusp, 2005.